



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAPECURU-MIRIM
CURSO DE LETRAS

MARIA DORENI CARVALHO MALHEIROS MENDES

O POEMA BATUCAJÉ DAS IARAS: uma análise literária sobre os elementos culturais africanos presentes na Literatura itapecuruense, traduzidos na obra do poeta Theotonio Fonseca

Itapecuru-Mirim
2017

MARIA DORENI CARVALHO MALHEIROS MENDES

O POEMA BATUCAJÉ DAS IARAS: uma análise literária sobre os elementos culturais africanos presentes na Literatura itapecuruense, traduzidos na obra do poeta Theotonio Fonseca

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão – (UEMA), do Centro de Estudos Superiores de Itapecuru Mirim – (CESITA), para a obtenção de grau de licenciada em Letras – Língua Portuguesa e respectivas Literaturas.

Orientador: Prof. Esp. Maurílio Barros Cardoso

Itapecuru-Mirim
2017

MARIA DORENI CARVALHO MALHEIROS MENDES

O POEMA BATUCAJÉ DAS IARAS: uma análise literária sobre os elementos culturais africanos presentes na Literatura itapecuruense, traduzidos na obra do poeta Theotonio Fonseca

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão – (UEMA), do Centro de Estudos Superiores de Itapecuru Mirim – (CESITA), para a obtenção de grau de licenciada em Letras – Língua Portuguesa e respectivas Literaturas.

Orientador: Prof. Esp. Maurílio Barros Cardoso

Aprovado em ____/____/____

Prof. Esp. Maurilio Cardoso (Orientador)

2º Examinador

3º Examinador

Para Deus, meu pai onipotente, onisciente e onipresente e para minhas filhas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, a minha família, pai, mãe e esposo, pois sem eles eu jamais teria conseguido. A todos os meus professores, por tornarem o meu sonho possível.

Ao autor da obra, Theotonio Fonseca, fundamental em todo o meu processo monográfico, com sua atenção e com toda a contribuição e orientação.

À Samira Fonseca por sempre me ajudar com informações sobre o autor, contribuindo de forma ímpar para a construção da minha monografia.

E, por fim, ao meu orientador Maurilio Cardoso.

*“... Cosme via da resistência a herança
Transmitida de geração a geração. Nos
batacajés, nos alaxés e nas danças”*

(Theotonio Fonseca)

RESUMO

Esta monografia tem como principal objetivo analisar o poema *Batucajé das Iaras*, com enfoque na sua contribuição para a revisitação da história da escravização do negro no Brasil, da cruel e impiedosa diáspora ocorrida no século passado, que acabou por formar a cultura, o misticismo e a miscigenação brasileiros. Dessa forma, nesta monografia serão analisados os elementos culturais e religiosos africanos presentes no poema “*Batucajé das Iaras*”, que faz parte da segunda obra poética do professor e poeta Theotonio Fonseca. Neste sentido, esta monografia se configura como o primeiro fundamental trabalho de análise crítica a partir de um livro de um dos autores itapecuruenses vivos, tornando-se importante para que as produções itapecuruenses (inclusive o próprio autor) venham a conhecer suas limitações no campo em que atuam e também onde está o seu ponto forte. Dessa forma, Theotonio Fonseca - que tanto contribui para a história da Literatura itapecuruense, desde a adolescência - tem sua poesia julgada de acordo com o que rege a crítica literária, ou seja, com imparcialidade e lisura, desprendendo-se das amarras da amizade, tendo por base apenas o julgamento científico-acadêmico. Sob esta égide, foram utilizados teóricos importantes como os autores Sergio e Mundicarmo Ferretti, José Neres, Sandra Grahm, Dunshe de Abranches, Wlamyra Albuquerque e Walter Fraga Filho, da professora e escritora itapecuruense Samira Fonseca, da também itapecuruense escritora e pesquisadora Jucey Santana, dentre muitos outros teóricos que versam sobre o momento da diáspora africana no Brasil ou da Literatura africana. Assim, crer-se que este trabalho poderá, futuramente, vir a servir de estudo para outros acadêmicos que desejam focar na produção de autores itapecuruenses ou mesmo do próprio Theotonio Fonseca para outras análises de cunho literário, encorpendo as fontes de pesquisa desta matéria, reduzindo as dificuldades de embasamento teórico que referenciam este tipo de produção, projeto ou pesquisa.

Palavras-chave: Encantaria. *Batucajé*. Iaras. Diáspora. Itapecuru-Mirim.

ABSTRACT

This monograph has as main objective to analyze the poem *Batucajé das Iaras*, focusing on its contribution to the return of the history of black enslavement in Brazil, from the cruel and ruthless diaspora that occurred in the last century, that ended up forming culture, mysticism and the Brazilian miscegenation. Thus, in this monograph will be analyzed the African cultural and religious elements present in the poem "*Batucajé das Iaras*", which is part of the second poetic work of the professor and poet Theotonio Fonseca. In this sense, this monograph is configured as the first fundamental work of critical analysis from a book by one of the living itapecuruenses authors, making it important for itapecuruenses productions (including the author himself) to know their limitations in the field in and where their strength is. Thus, Theotonio Fonseca - who contributes so much to the history of itapecuruense Literature, from the adolescence - has its poetry judged according to what governs the literary criticism, that is, with impartiality and smoothness, detaching itself from the ties of the friendship, based only on scientific-academic judgment. Under this aegis, important theorists such as Sergio and Mundicarmo Ferretti, José Neres, Sandra Graham, Dunshe de Abranches, Wlamyra Albuquerque and Walter Fraga Filho, from the Itapecuruense teacher and writer Samira Fonseca, also from the Itapecuruense writer and researcher Jucey Santana, among many other theorists who talk about the moment of the African diaspora in Brazil or African Literature. Thus, it is believed that this work may in the future be used as a study for other scholars who wish to focus on the production of Itapecuruense authors or even from Theotonio Fonseca himself for other literary analyzes, adding to the sources of research on this subject, reducing the difficulties of theoretical foundation that refer to this type of production, project or research.

Keywords: Enchantment. *Batucajé. Iaras. Diáspora. Itapecuru-Mirim.*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DA PRODUÇÃO LITERÁRIA AFRO-BRASILEIRA	12
3 A ÁFRICA NA LITERATURA MARANHENSE	15
4 BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DAS PRODUÇÕES LITERÁRIAS ITAPECURUENSES	19
5 O ESCRITOR E O INTELLECTUAL THEOTONIO FONSECA E SUAS MANIFESTAÇÕES LITERÁRIAS	23
5.1 A prosa de Theotonio Fonseca	27
5.2 Características africanas na produção do poeta	31
6 O BATUCAJÉ DAS IARAS: Encantaria nas linhas poéticas de Itapecuru-Mirim .	34
7 EIVIRA E A DIÁSPORA AFRICANA	38
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43
ANEXOS	45

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que o estado do Maranhão é um grande celeiro de escritores, daqui, muitos nomes se destacaram nas letras do Brasil e do Mundo. Nomes como os do poeta Gonçalves Dias, dos irmãos Aluísio e Artur Azevedo, do também poeta Raimundo Corrêa, do primeiro escritor da literatura infantojuvenil do estado, Viriato Corrêa, do jornalista João Francisco Lisboa, até se chegar ao romancista Josué Montello e o poeta Ferreira Gullar. Grandes nomes que honraram a literatura maranhense, dando ao Brasil obras de excelente qualidade literária.

Sabe-se que há poucos estudos sobre as obras e seus respectivos escritores maranhenses. Deste modo, a crítica literária escassa acaba ocasionando, indiretamente, o surgimento de muitos escritores de qualidade poética “duvidosa”, pois sem a análise literária, não se observa a fundamentação, ou seja, a base literária para se produzir um poema de qualidade.

Assim sendo, quando se fala em uma análise literária mais profunda e genuinamente maranhense, tem-se o trabalho de um dos poucos professores preocupados em fazer um trabalho analítico sobre a literatura maranhense: o professor e membro da Academia Maranhense de Letras, José Ribamar Neres. Este estudioso da literatura maranhense tem se debruçado sobre as obras dos escritores das letras do Maranhão, contemporâneos ou não.

Além deste, outros estudiosos se debruçam no estudo das obras de autores maranhenses (ainda que de forma mais tímida), como a professora da Universidade Estadual do Maranhão, Dinacy Corrêa e o professor da Universidade Federal do Maranhão, Dino Cavalcante. Estes nomes têm ajudado muitos escritores a aprofundarem seu lirismo baseados em estudos mais analíticos. De maneira mais específica, em Itapecuru-Mirim observa-se o fato de que existem escritores, mas não existe um estudo sobre suas produções.

Sendo assim, acreditando que um trabalho científico de análise crítica, possui um papel de auxiliar o escritor para que este consiga encontrar seus pontos negativos e positivos, e assim consiga crescer ainda mais em sua produção, achou-se conveniente que o poema que dá nome ao segundo livro do professor Theotônio Fonseca de Sousa fosse analisada.

Sabe-se que na cidade de Itapecuru-Mirim, muitos nomes surgiram e continuam surgindo nas letras, além dos nomes já citados de Viriato Corrêa e Francisco Lisboa, filho destas plagas, irmanados aos de Henriques Leal e Mariana Luz, reluziram durante os séculos anteriores. Hoje, outros nomes elevam a honra do Caminho de Pedra Miúda, nomes como os de Benedito Buzar, que pela quarta vez preside a Academia Maranhense de Letras, Benedita Azevedo, haicaísta e fundadora de várias cadeiras e academias pelo Brasil e pelo mundo,

Mauro Rego membro da Academia Brasileira de Letras dos Funcionários do Banco do Brasil e do respeitado teatrólogo e cineasta Inaldo Lisboa.

Nomes que deixaram o solo itapecuruense bastante fértil para o crescimento de novos talentos literários. Surge daí nomes importantes como os de Assenção Pessoa, na literatura infantojuvenil, Jucey Sanatana na historiografia, Samira Fonseca no romance, na crítica do cinema, com o cinéfilo Brenno Bezerra, Theotonio Fonseca na poesia, entre outros que estão sendo revelados agora por meio de antologias.

Durante a pesquisa, também será possível conhecer a carreira literária do poeta Theotonio Fonseca, que desde sua juventude já escrevia para o Jornal de Itapecuru, para os pasquins: A Cópia, O Observador Itapecuruense e para o Site Itapecuru Notícias, antes de publicar seus dois livros: Poemas Itapecuruense e outros Poemas e Batucajé das Iaras. Além de relatar um pouco de sua vida.

O diferencial deste trabalho está no pioneirismo da apreciação, pois se trata do primeiro livro a ser analisado de um escritor ainda vivo. Os raros trabalhos científicos que a cidade de Itapecuru possui, são de escritores já falecidos, passados a serem estudados há quase uma década devido ao trabalho de resgate documental que a Academia Itapecuruense de Ciências, Letras e Artes - AICLA vêm construindo.

No poema Batucajé das Iaras, o leitor encontrará uma fonte profunda de conhecimento sobre os negros no Brasil, desde o momento da diáspora africana, até a miscigenação de culturas, pois quando há realmente o ato de debruçar sobre o poema, o leitor passa a entender todos os movimentos culturais deixados pelos negros escravizados e a importância de serem preservados.

Destarte, este trabalho monográfico tem como principal objetivo, analisar o poema Batucajé das Iaras, com enfoque na sua contribuição para a revisitação da história de escravidão do negro no Brasil e de suas influências na encantaria maranhense. Para isso, o trabalho irá abordar itens além desta introdução, onde:

No primeiro item conhece-se A produção literária afro-brasileira: breve contexto histórico; No segundo tópico faz-se uma abordagem sobre a África na literatura maranhense; Fala-se no terceiro assunto sobre o breve contexto histórico das produções literárias itapecuruenses; Faz-se no quarto uma abordagem sobre O escritor e o intelectual: Theotonio Fonseca de Sousa e suas manifestações literárias; No quinto tópico fala-se sobre a prosa de Theotonio Fonseca; No sexto item será feita a análise de, O Batucajé das iaras: Encantaria nas linhas poéticas de Itapecuru-Mirim; Fala-se no sétimo assunto sobre Elvira e a diáspora africana; E por fim, no oitavo tópico têm-se as considerações finais.

2 BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DA PRODUÇÃO LITERÁRIA AFRO-BRASILEIRA

Sabe-se que aquele que se debruça por sobre a história da literatura brasileira, se depara com inúmeros autores, títulos e temas abordados nas diferentes escolas literárias. A história, a cultura, os séculos, perpassando pela moda das diferentes épocas está nas entrelinhas de cada romance, de cada poesia, de cada conto, de cada crônica ou peças teatrais.

A propósito da literatura afro-brasileira é preciso se considerar que ela está presente nas letras do Brasil e com nomes grandiosos, como é o caso de Castro Alves, Maria Firmina dos Reis, Gonçalves Dias, Lima Barreto, Aluísio Azevedo e, mesmo não tendo abordado as questões raciais ou escravocratas, é inegável que entre tais nomes não esteja o de Machado de Assis.

De acordo com Luísa Lobo:

A literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem que se assumir como negro (Lobo 2007, p. 266).

Eis a verdadeira literatura negra, então, sob essa ótica é necessário ressaltar que por mais que um branco venha a trabalhar as temáticas acima citadas, mesmo assim, não seria uma literatura negra ou afro-brasileira. O que se acredita que tal visão seja extremamente radical, uma vez que, em um país como o Brasil onde a miscigenação praticamente erradicou a divisão entre negros, brancos e índios.

Bem, em todo caso, rememorar o nome de figuras que fizeram a literatura negra acontecerem no Brasil é uma forma de conhecer as origens dessa luta que os negros vêm travando durante séculos, por um espaço dentro da sociedade.

O poema Navio Negreiro de Castro Alves, é um dos primeiros poemas a fazer menção à situação do negro nos porões das embarcações portuguesas, uma imagem de terror. O canto IV na segunda estrofe do poema há o relato da situação das mães diante do tráfico de escravos no tumbeiro, como afirma a citação a seguir: Negras mulheres, suspendendo às tetas; Magras crianças, cujas bocas pretas; Rega o sangue das mães: Outras moças, mas nuas e espantadas, No turbilhão de espectros arrastadas, Em ânsia e mágoa vãs! (ALVES, 2017, p.03).

Tal poema relata uma forma de impactar a sociedade pela maneira cruel e atroz que os negros eram tratados pelos senhores e atravessadores de escravos. O poema que fala em

negros que enlouqueciam, perdiam a sanidade mental pelo desespero de serem apartados de seus entes e outros que sucumbiam diante do delírio, sendo despejados ao mar.

Só depois de ler o poema é que se tem noção da realidade do tráfico de negros. Ora, imaginando o porão de um navio, na escuridão, sem limpeza, sem conforto algum, sem comida e água o suficiente para todos, é evidente que essa situação teria que chegar ao limite do desespero.

Um dos primeiros nomes que se faz menção na literatura é o de Maria Firmina dos Reis, que é tida como a primeira romancista negra e mulher do Brasil. O romance *Úrsula* é o primeiro que trata sobre o tema da abolição da escravidão no país, vinte e sete anos antes desta vir a acontecer. E trata de forma verdadeira, sob a ótica de um negro, que vai tecendo suas linhas de acordo com aquilo que vivia e com aquilo que os outros negros viviam.

De acordo com Bastos (2010, p. 174-175).

Maria Firmina dos Reis, através de seu romance, combateu o mito, que outros fizeram questão de ressaltar. Sendo, pois a primeira revolucionária nessas abordagens, faz com que se compreenda que o negro não é um animal e sim que possui sentimentos iguais aos demais homens. E mostra que o negro possuía consciência de sua situação mesmo quando não havia necessidade de demonstrá-la. Magoado diante da vida, não oculta sua condição de escravo quando interrogado.

O romance foi ocultado durante muitos anos, voltando das amarras da escuridão preconceituosa, nas últimas décadas e vem sendo estudado por muitos professores das universidades brasileiras, pela sua importância no cenário nacional para se entender um período cruel da história do país. Uma “genuína preocupação com a história, o elo com a África e a consciência com as próprias raízes” (MARTIN, 1988, p.10).

O romance *O Mulato* de Aluísio Azevedo também vem colaborar para a temática do Negro na sociedade. O preconceito racial foi bastante discutido nesta obra em que o personagem Raimundo tinha seus sonhos de casar-se com Ana Rosa, ceifados pelo simples fato de ser mulato e ter suas origens matriarcais negras e escravizadas.

O preconceito de cor, muito apurado na sociedade maranhense do século XIX, tem no livro de Aluísio a sua exata fixação, em termos de narrativa romanesca. E pode ser transferido da obra literária para o estudo sociológico, a exemplo do que fez Gilberto Freyre (MONTELLO, 1963, p. 12).

Em verdade, em verdade é possível afirmar que a obra de Aluísio é atualíssima, o preconceito racial sobrevive ao tempo ainda na sociedade maranhense e como exemplo de divisão na, quatro vezes centenária, São Luís, temos os luxuosos bairros onde a cultura erudita predomina nos salões nobres dos grandiosos hotéis.

As maiores faculdades particulares do estado e alguns shoppings estão localizado nestes bairros, enquanto que a cultura popular negra que faz moradia na velha cidade dos azulejos portugueses. O tambor de crioula, as folias carnavalescas, o Tambor de Mina e todo um leque cultura que tem sua origem negra estão fixados nestes bairros da antiga capital do Maranhão. Isso mostra que ainda há divisão entre ricos e pobres, negros e brancos, basta uma breve olhada nas pessoas que residem na nova e na velha São Luís.

Enfim, estas e outras obras oriundas das mãos negras e mulatas retratam a situação do negro nos séculos passados, servindo de alicerce para outras narrativas, outros poemas que surgiram com o passar dos anos, entre eles, encontra-se o poema Batucajé das Iaras, que será analisado neste trabalho.

3 A ÁFRICA NA LITERATURA MARANHENSE

É sabido de todos os leitores e estudiosos das letras maranhenses, que na história da Literatura Brasileira sempre teve a presença de um maranhense, tanto na prosa quanto na poesia, nomes como: o do poeta Gonçalves Dias, Odorico Mendes, Sotero dos Reis, João Lisboa, Raimundo Corrêa, os irmãos Arthur e Aluísio Azevedo, Josué Montello, José Sarney, Ferreira Gullar, além da primeira romancista brasileira, Maria Firmina dos Reis. Nomes que se destacaram com as letras nas mais variadas escolas literárias, e deixaram obras marcantes que até os dias atuais continuam a ser analisadas.

Todavia, poucas obras trazem em seu arcabouço a África ou aspectos africanos. Dos nomes acima citados é possível dizer que apenas três ou quatro trabalharam essa temática em suas obras e destes, três possuem maior destaque, que são: Maria Firmina dos Reis, Aluísio Azevedo, Josué Montello. É certo que Aluísio Azevedo, com a obra “O Mulato” deixou a mostra personagens excluídos pela sociedade, em especial o negro, em plena pré-abolição, todavia, não era o principal objetivo do autor. Por outro lado, Maria Firmina dos Reis traz a essência do Negro em sua obra, mostrando toda a luta pela abolição vivida no Brasil do século passado.

Costa (2010, p. 172) afirma que “autores que preconizam o personagem negro na obra literária como a escritora Maria Firmina dos Reis; Aluísio Azevedo e Coelho Neto”. Daí a importância da obra, da escritora. Escrever em um período de escravidão com o pensamento totalmente diferente das práticas escravocratas da época não era para qualquer autor, a exemplo do escritor Machado de Assis que apesar de sendo negro, não tratava sobre esse tipo de temática. De acordo com Duarte (2004, p. 279):

Úrsula não é apenas o primeiro romance abolicionista da Literatura Brasileira, fato que, inclusive, nem todos os historiadores admitem. É também o primeiro romance da literatura afro-brasileira, entendida esta como produção de autoria afrodescendente, que tematiza o assunto do negro a partir de uma perspectiva interna e comprometida politicamente em recuperar e narrar à condição de ser negro em nosso país.

O que se sabe é que por ser mulher mulata, a voz de Maria Firmina acabou sendo suprimido, o que na época, era algo comum em um país patriarcal e durante muitos e muitos anos o livro Úrsula esteve oculto na literatura nacional, isto porque o livro de Firmina dos Reis está afrente de outras obras abolicionistas escritas por mãos masculinas.

Ao atentar para a citação acima, logo se percebe que nem todos creem que tal livro seja o primeiro a tratar sobre a abolição, o que se entende como sendo uma espécie de amor

literário pela escrita ou autor do gênero masculino. As mulheres, por mais que tenham trabalhos literários de qualidade superior a alguns homens, sempre ficam um pouco de lado. Parece algo bem cultural.

Um dos escritores que mais bem soube retratar o negro em sua essência, certamente foi Josué de Sousa Montello, no Clássico da Literatura Maranhense, “Os Tambores de São Luís”. Montello escreveu toda a trajetória dos negros que vieram da África forçadamente e aqui vivenciaram todas as transformações históricas e culturais de uma São Luís, quatro vezes centenárias, “Em Os Tambores de São Luís, Josué Montello insere o negro, homem alto, forte, elegante e inteligente, que trazia na alma o estigma da cor. Negro e, por isso, imponente para reprimir determinadas ações contra sua raça cativa” (COSTA, 2010 p.174).

Josué Montello utilizando a verossimilhança e as reminiscências de tempos idos da escravidão e abolição faz com que o negro se destaque na então sociedade preconceituosa. Porém, o personagem Damião se mostra frustrado com suas empreitadas unicamente pela sua cor, o conhecimento adquirido com os livros e com a Igreja, pouco lhe adianta, pois a pigmentação negra sempre se configurava em uma barreira gigantesca com a sociedade da época que alimentava um ódio e um desprezo terrível dos negros.

Nesta obra o leitor percebe e praticamente chega a sentir na pele o problema do preconceito racial. Josué Montello levou para as páginas do romance uma realidade, muitas vezes ocultada do povo, pois as penas severas, os açoites com requintes da mais grotesca crueldade, chocam a todos que vivem no mundo atual.

Sabe-se que a literatura retrata a realidade e que por mais que um escritor não tenha vivido tal período histórico, pelos estudos ele certamente saberá desenvolver um enredo que venha a retratar praticamente aquilo que se vivia em uma determinada época. No caso de Josué Montello, que sempre estudava antes de escrever qualquer coisa, observa-se que ele foi muito profundo na sua obra quando descreveu o negro que, sofria que lutava pela libertação, que se divertia mesmo na escravidão e que tinha seu orgulho e inteligência. Em outras palavras, em Os Tambores de São Luís, o negro é o protagonista de sua própria história.

Nas palavras de Costa (2010, p. 175):

O negro, é visto sob a égide do preconceito racial, é tomado como um entrave social em sociedade preconceituosa em que se valorizam as pessoas de acordo com a religião, raça e situação financeira. No Brasil, as literaturas mostram essa distinção, baseada na pigmentação da pele. Notadamente, o negro não teve na literatura a posição de destaque, a não ser quando valorizado pela sua própria raça.

O negro retratado na literatura maranhense é sempre um sofredor que possui um papel secundário. Os estereótipos quase sempre mostram o negro marginalizado sem perspectiva de crescimento e quando o tem, o branco não deixa com que ele venha a progredir no meio social. É por essa razão que “no cenário maranhense, o negro passa a significar não só objeto de exploração humana, mas uma peça fundamental dos enredos literários” (COSTA 2010, p.168).

Olhando pelas retinas de um escritor, é possível compreender que existam estereótipos do negro marginalizado. Ora, a sociedade da época era escravocrata, negros não eram alfabetizados e viviam em condições sub-humanas nas senzalas aquele que conseguisse ultrapassar tais barreiras acabavam caindo nas garras da sociedade dita branca que a todo custo perseguia o negro por todos os lados. Na própria história do Maranhão, onde os negros e mulatos eram chamados de “BODE”, houve casos de perseguição, como no caso do professor Tibério. O escritor Abranches (2012, p. 58) conta que:

Certo dia, no quadro negro de sua sala de aula, escreveram em fortes caracteres: “Tibério é bode”. O velho professor entrou na sala; mirou [...] o dístico desrespeitoso e sem se irritar pegou no giz e respondeu por baixo: “companheiro de vocês”. [...] Houve sérios protestos das famílias que se julgaram ofendidas.

Esse era o tipo de tratamento dispensado aos negros ou mulatos que se destacavam na sociedade branca e elitizada da época. Destarte, crer-se que os escritores naquela época não tinham coisas boas para escrever com relação ao negro. E era exatamente isso “que obrigava os artistas a uma obediência e à negação dos aspectos culturais de sua raça, tornando-os poucos originais e impedindo o nascimento de uma arte verdadeiramente negra”. (COSTA 2012, p. 173).

Porém passados séculos, o que se observa na literatura maranhense é uma espécie de estagnação no tempo no que diz respeito ao negro. É certo que existe pouca divulgação das obras literárias do estado, todavia, as que poucas obras que se sobressaem não dão destaque ao negro. Há uma falha na produção literária, até dos próprios escritores negros da atualidade, e isso é visível, basta saber que o último livro onde se dá destaque a raça negra é o da teatróloga Lenita Estrela de Sá, intitulado “Catarina Mina”, ou seja, mais um que retrata o período da escravidão no Maranhão.

O que se observa é que os personagens negros carregam consigo o estigma de uma maldição imposta pela sociedade, o negro precisa ser pobre, falar errado, e ser de classe baixa, como está caracterizado na personagem Dijé, da comédia Pão com Ovo, famosa no Brasil por levar ao público as mazelas da sociedade maranhense.

Os questionamentos que se erige são: e os negros da sociedade contemporânea, por que não são representados? Os negros das comunidades quilombolas, por que suas lutas em movimentos não tem espaço na literatura atual? E a cultura de resistência, tanto da religião de matriz africana, quanto do folclore (tambor de crioula e reggae), por que não estão imortalizadas nas páginas dos livros dos escritores maranhenses? Onde estão os negros que conseguiram ascender na sociedade depois da abolição da escravidão? É preciso parar e pensar que tipo de literatura está sendo vendida para a sociedade e que temática o negro irá representar na obra. Mas o mais importante é preciso rever a literatura maranhense e certificar-se de que ela não está encalhada na praia dos lençóis da ignorância e preconceito.

4 BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DAS PRODUÇÕES LITERÁRIAS ITAPECURUENSES

Os professores, os escritores contemporâneos, os pesquisadores e leitores itapecuruense, proferem a afirmativa de que a cidade de Itapecuru-Mirim sempre foi um celeiro de grandes intelectuais e escritores, tanto que há certo tipo de orgulho em falar que o matemático Gomes de Sousa é filho desta terra. Tanto que ele é tido como o maior matemático de todos os tempos pelos itapecuruense.

Afora, o pioneirismo de Souza, no campo das letras outros nomes se destacaram ao longo dos séculos. Nomes que com o passar dos anos vem crescendo e enriquecendo as letras da cidade.

Os apontamentos iniciais das letras itapecuruense no cenário das produções dão margem ao nome do jornalista João Francisco Lisboa, fundador do Jornal de Timom que pairou pelo Maranhão dos anos de 1852 a 1858. A pesquisadora Jucey Santana faz a seguinte afirmação sobre o jornalista:

Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, foi membro correspondente da Real Academia de Ciências de Lisboa, patrono de cadeiras nas seguintes Academias de Letras: Academia Brasileira de Letras, Academia Maranhense de Letras e Academia Itapecuruense de Ciências Letras e Artes (SANTANA 2016, p. 59).

O jornalista pertenceu ao grupo intitulado Os Atenienses, que era formado por Henriques Leal, Odorico Mendes, Sotero dos Reis e Gonçalves Dias. Foi um dos grandes nomes das letras e do jornalismo, como se atesta na citação acima, pelos sodalícios que pertenceu. Contudo, com o passar dos séculos, a cidade de Itapecuru-Mirim, pouco fez pela memória de João Lisboa, para fazer recordação dele, há apenas um busto localizado na praça que é mais conhecida como “Praça do Mercado” do que por “Praça João Lisboa”, o que pouco dignifica a lembrança do jornalista, tanto pela forma quanto pelo lugar em que foi colocado.

Diferentemente da cidade de São Luís, que dedicou ao grande Jornalista uma escultura de corpo inteiro, ponto de encontro de muitos casais ou de amigos e que nomeia uma das praças mais famosas da capital.

Enquadra-se na mesma época de João Francisco Lisboa, o médico e biógrafo Antônio Henriques Leal. Tal homem foi o maior biógrafo que o Estado do Maranhão já teve, ele foi o grande responsável por coletar a biografia dos grandes vultos históricos do estado, em mínimos detalhes e por formar o grupo dos Atenienses.

Lamentavelmente, após uma pesquisa, descobriu-se que na cidade natal do médico, não há um logradouro ou escola que lembre seu nome. Na cidade de São Luís há uma avenida e uma rua com o seu nome. A escritora Jucey Santana em seu livro *Itapecuruenses Notáveis* afirma sobre a vida do biógrafo.

Integrou à sociedade local e aos círculos literários, sendo um dos fundadores do Instituto Literário Maranhense [...] do Ateneu Maranhense e da Associação Tipográfica Maranhense e sócio correspondente no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro [...]. Foi incansável estudioso da História do Maranhão e suas personalidades. [...] Henriques Leal é uma das personalidades que mais enaltecem o Maranhão e a sua terra natal, Itapecuru-Mirim, imortalizando com suas obras biográficas ilustres filhos da terra. (SANTANA 2016, p.77-78).

Percebe-se que há um desleixo pelo poder público e pela sociedade em geral, no que diz respeito à valorização e reconhecimento do trabalho importante de Henriques Leal. Observa-se nas redes de ensino públicas, tanto na estadual, quanto na municipal, que poucos alunos e professores conhecem este itapecuruense, e as poucas pessoas que conhecem, nunca leram suas obras.

Um dos grandes nomes das letras no Brasil é o de Viriato Correa. Crer-se que o escritor é maior autor da literatura infantojuvenil do Maranhão, segundo o professor e imortal José Neres (2015,p.59) “o livro *Cazuza* [...], escrito entre 1936 e 1937, é até hoje uma das obras mais lidas em todo o Brasil”. E mesmo diante disso, em seu torrão natal quase nada lhe é dedicado.

Em Itapecuru-Mirim, não há uma só rua, uma só praça, uma só avenida ou escola que faça menção a figura do escritor, que além de escrever literatura infantil, também fez peças de teatro, romances e crônicas. “Foi membro da Academia Brasileira de Letras e patrono da Academia Maranhense de Letras”, como informa SANTANA (2016, p.127) e mesmo assim, a cidade berço de intelectuais e escritores famosos no Brasil, não rememora e tão pouco se debruça ao estudo da obra deste que tanto dignificou as letras do seu município.

A Universidade Estadual do Maranhão, em 2016 decidiu renomear à biblioteca do centro e expurgou o nome do ex-prefeito José Carlos Gomes Rodrigues para homenagear o escritor de Cazuza. Embora sendo uma decisão que muito drástica e até questionável, é a única homenagem que ele possui em sua terra natal, até o momento.

Se Viriato Correa há poucas homenagens em Itapecuru, já se pode dizer ao contrário da poetisa Mariana Luz. A cigarra que fez parte da Academia Maranhense de Letras nomeia uma escola em uma das principais avenidas do município e também batiza o nome de uma rua no centro da cidade.

Mariana Luz é a maior poetisa da cidade, destacou-se no cenário maranhense com suas poesias em estilo simbolista. Também escreveu os gêneros literários, crônica e peças de teatro. A biógrafa de Sianica (como era carinhosamente chamada) afirma:

No final da década de 40, organizou artesanalmente um livro com o título de Murmúrios e se candidatou à Academia Maranhense de Letras, sendo eleita no dia 24 de julho de 1948 como a segunda mulher a ter assento naquela secular instituição cultural, na qual foi fundadora da Cadeira 32, tendo por patrono o poeta caxiense Vespasiano Ramos. (SANTANA 2016, p.109)

Com a fundação da Academia Itapecuruense de Ciências Letras e Artes, a poetisa se tornou a patronense da casa, nomeia a cadeira de número 1, que tem como fundador o professor de história Cleilson Veras, e teve sua bibliografia totalmente recuperada e publicada no livro Vida e Obra de Mariana Luz e Coisas de Itapecuru, pela pesquisadora Jucey Santana, no ano de 2014. Um processo investigatório que levou alguns anos para vir a lume.

Um nome que é pouco conhecido por professores, estudantes e a maioria da população itapecuruense é o de Zuzu Nahuz. Como os três primeiros nomes estudados neste capítulo, o jornalista que se destacou como cronista nos grandes jornais da capital maranhense, é praticamente desconhecido no Caminho de Pedras Miúdas.

Sobre ele a pesquisadora Jucey Santana (2016, p. 223) diz:

Zuzu Nahuz era apaixonado por Itapecuru-Mirim. Ele deixou como legado inúmeros escritos que traduziam, com propriedade, o sentimento de tudo que ele viu e viveu em sua terra, na primeira metade do século XX. Falando de coisas, pessoas, eventos, enfim, os acontecimentos do dia a dia da cidade, da sua infância, dos amigos, as enchentes, a política e tantos outros acontecimentos.

Muito embora a crônica seja um gênero literário que com o tempo vai se esvaindo, o nome de Zuzu não deveria ser tão desconhecido, tendo em vista que ele de acordo com a afirmativa, ele só falava sobre a cidade. Bem, Itapecuru-Mirim é uma terra que vive de visitar seus mortos, ainda sim, o cronista não está dentre os mais conhecidos, mas sabe-se que ele é um dos nomes mais importantes das letras itapecuruense. Se parar para analisar o nome de outros cronistas como Rachel de Queiroz e de Rubem Braga, ambos escreveram crônicas que se perpetuaram, mas, o jornalista itapecuruense, por mais que se destacasse em seu trabalho, conseguiu ser esquecido pelas novas gerações e pelo poder público municipal.

Um nome que faleceu recentemente há menos de 20 anos é o do professor, historiador e poeta João Silveira. Este homem tem uma importância fundamental na recente história da literatura do município.

Embora não tenha se destacado em outras plagas, o nome de João Silveira firmou-se durante alguns anos como um exímio, orador, poliglota e historiador. Seu nome batiza a Casa da Cultura de Itapecuru-Mirim e também o Grêmio do Centro de Ensino Médio Professor Newton Neves, escola em que ele muito lecionou.

Publicou vários poemas que foram publicados no Jornal de Itapecuru. Foi de João Silveira, o primeiro projeto, de criação da Academia de Letras de Itapecuru-Mirim, na verdade era um dos seus maiores sonhos que não foi concretizado, como afirma Santana (2016, p. 273) “As duas grandes frustrações do professor: a primeira foi não ter conseguido fundar a Academia Itapecuruense de Letras, pela qual empreendeu grandes esforços e a segunda não ter publicado a história de Itapecuru-Mirim”. Contudo, pela fundação da AICLA, João Silveira não foi esquecido, tornou-se patrono da cadeira de nº 32, ocupada pelo seu filho, o também poeta e professor André Silveira.

Mas o que é inegável é que João Silveira era um orador que ainda não foi substituído. Pelo vasto conhecimento que tinha, ele sabia discursar sobre quaisquer assuntos, o que o fazia um homem prolixo, que nem sempre agradava as pessoas.

Atualmente muitos nomes tem se destacado nas letras itapecuruenses, nomes que dignificam e honram a cidade, a exemplo da haicaísta Benedita Azevedo, que reside no Rio de Janeiro faz parte de inúmeras Academias de Letras, tanto no Brasil como no exterior. Benedito Buzar é o atual presidente da Academia Maranhense de Letras. Mauro Rego é membro da Academia de Letras dos Funcionários Banco do Brasil e da Academia Maçônica Maranhense de Letras, Padre Raimundo Gomes Meireles é doutor em Direito Canônico, Inaldo Lisboa, dramaturgo, cronista e cineasta. Estes são os que mais se destacam Brasil a fora na contemporaneidade.

Claro que a cidade possui outros que estão se dedicando as letras e que aos poucos estão levando o nome da cidade ao conhecimento das pessoas. Nomes como os de: Alberto Pereira Martins Júnior, Theotônio Fonseca, Brenno Bezerra Pedrosa, Assenção Pessoa, Jucey Santana, Leonete Amorim, Francisco Araújo, Júnior Lopes e Samira Fonseca, e muitos outros, eles estão trabalhando anualmente para que Itapecuru-Mirim não perca a essência de terra de grandes escritores e intelectuais. Crê-se que, com a influência da AICLA e também com o Curso de Letras, da Universidade Estadual do Maranhão, oferecido na cidade, muitos outros nomes haverão de surgir em um futuro bem próximo.

5 O ESCRITOR E O INTELLECTUAL THEOTONIO FONSECA E SUAS MANIFESTAÇÕES LITERÁRIAS

Theotonio Fonseca de Sousa, natural de Itapecuru-Mirim no estado do Maranhão, engajou-se cedo nas sendas das letras. Ainda em sua juventude estudantil destacava-se com sua oratória e seus poemas, sempre tecidos com esmero. Sabendo que a trajetória de leitor constituiu um grande alicerce para seu trabalho de escrita, a Bíblia Sagrada foi o primeiro livro que marcou profundamente a vida do poeta; os livros de Sabedoria, de Jó, Lamentações de Jeremias e os Salmos que possui caráter poético, tais livros por trabalharem a literariedade e expressividade, chamaram a atenção do poeta.

Logo após, ainda na adolescência, o escritor de Batacajé das Iaras, começou a ler os clássicos de Gonçalves Dias, Casemiro de Abreu, Castro Alves, Drummond, João Cabral de Melo Neto, Nauro Machado. E mesmo com a falta de bibliotecas em Itapecuru, o jovem Theotonio com muito esforço e com a ajuda da mãe, dona Espírito Santo Fonseca, foi aos poucos comprando livros da literatura universal, e ainda na adolescência começou a ler, Dostoiévski e Miguel de Cervantes, Edgar Allan Poe, entre outros.

Foram tais autores que influenciaram o poeta a ter uma escrita que prezasse por um estilo rebuscado, que tentasse seguir uma escrita mais sofisticada, diferente de da maioria dos autores do século XXI.

Contemporâneo de professores como os saudosos José Raimundo e João Silveira, e também do imortal Mauro Bastos Rego, o jovem poeta foi vencedor de vários prêmios do Concurso Literário no Centro de Ensino Médio Professor Newton Neves, onde também foi diretor do Grêmio Estudantil.

Formado em Letras pela extinta Faculdade Atenas Maranhense, hoje Pitágoras, Theotonio, apesar de estudar na capital do estado, preferiu não deixar à velha Itapecuru-Mirim.

Depois de graduado, foi diretor da Biblioteca Pública Municipal Benedito Buzar e por esse tempo fundou dois pasquins: A Cópia, em parceria com o professor e escritor, Rener Bandeira de Melo, e O Observador Itapecuruense, este que tinha como co-fundadores, Josemar Bezerra, André Silveira e Samira Fonseca. Tais pasquins duraram aproximadamente três anos no município, circulando por repartições públicas, bares, comércios da cidade.

Aprovado no concurso público municipal e estadual, Theotonio Fonseca começou a lecionar no povoado Entroncamento e no município de Anajatuba.

Em 2011, ajudou a fundar a Academia Itapecuruense de Ciências Letras e Artes-AICLA, ocupando a cadeira de número 3, patroneada pelo seu avô, o músico e militar do exército, Apolinário Fonseca.

Durante mais de uma década, Theotonio escreveu para o Jornal de Itapecuru, publicando poemas, ensaios, contos, entrevistas e crônicas na seção, Opinião, logo na primeira página. Ao pesquisar sobre os textos publicados neste jornal, nos arquivos da biblioteca pública municipal, o pesquisador logo percebe que, grande parte de seus textos estão no livro Batucajé das Iaras. Contudo, os textos em prosa ainda permanecem apenas na gazeta.

Os textos em prosa do poeta possuem características poéticas visíveis; traços marcantes de seus poemas são vistos de maneira bastante forte nas narrativas de ficção curtas, e nos artigos, como é o caso de: “Madalena do mar, a ilha do sossego”, “Pelos Melenas de Janaina”, “Natacha Ludovicense”, entre outros e os artigos de opinião: “A verdade que não deveria ter doído”, “Salve o rio Itapecuru” e outros.

Em 2014, em um evento literário realizado pela Universidade Estadual do Maranhão, Theotonio Fonseca de Sousa lançou o seu primeiro livro, intitulado: Poemas Itapecuruenses e Outros Poemas.

Sobre o livro, a escritora Samira Fonseca afirma:

O primeiro livro de Theotonio Fonseca é sem sombra de dúvidas aquele que mais exalta a cidade de Itapecuru-Mirim no gênero da poesia, isso é incontestável desde o título da obra “Poemas Itapecuruenses e outros poemas”, uma obra prima de um intelectual apaixonado por sua terra natal. Em “Poemas Itapecuruenses e outros poemas” fica claro que Theotonio Fonseca é um eterno devoto da cidade e canta suas belezas, seus vultos históricos, os pontos marcantes da terra de João Francisco Lisboa, com uma arrebatadora paixão. Com fina escrita ele tece os versos que apontam para a cidade e sua vivência de poeta diante de sua musa inspiradora, e isso conduz o leitor a parar e refletir sobre esse torrão chamado Itapecuru (FONSECA, p.11 2017).

Poemas Itapecuruenses e outros Poemas traz o prefácio do professor Mauro Bastos Rego, membro da AICLA e também da Academia de Letras dos Funcionários do Banco do Brasil, a obra possui 50 poemas e todos possui como principal característica a cidade de Itapecuru-Mirim. É com certeza um divisor de águas na poesia do município.

Pode-se dizer que o poeta transcende o prosador. Theotonio Fonseca de Sousa, mesmo escrevendo prosa, não consegue deixar o espírito do poeta, o texto longo está cheia de fragmentos enraizados no poema do escritor de Batucajé das Iaras.

É exatamente isso que a escritora Samira Diorama da Fonseca afirma em seu artigo intitulado, A Força Poética na Maciez da Prosa de Theotonio Fonseca de Sousa, nele a

escritora afirma o seguinte: “mesmo na prosa há a força de sua poesia. Ainda que não se faça rimas, na leitura do texto é possível notar uma musicalidade. Sua narrativa também deixa bem nítida a possibilidade do uso de versos livres” (FONSECA 2012).

Ao pesquisar em antigos jornais do município de Itapecuru, é exatamente o que o pesquisador encontra quando se depara com os textos de Theotonio. Em seus escritos de prosa a poesia passeia entre as linhas do texto, bem com acontecia nos livros de Guimarães Rosa.

Em entrevista ao programa Itapecuru Verdade, o poeta Theotonio fez a seguinte declaração sobre a obra *O Batucajé das Iaras*:

Esse livro reúne a primeira parte dele toda, poemas escritos entre minha adolescência - juventude, da primeira fase de minha produção literária, e os últimos poemas escritos em 2015 já traz uma nova safra de textos. Textos mais atuais da minha obra (SOUSA 2017, p.34).

Observa-se na fala do escritor detalhes importantes que para qualquer um passa despercebido, parece apenas uma simples explicação sobre a obra, mas há algumas coisas que só o pesquisador da obra de Theotonio vai entender.

Os primeiros poemas de Theotonio Fonseca de Sousa estavam em seu primeiro livro chamado *Necrópole*, este livro nunca chegou a ser publicado e boa parte dele está justamente no *Batucajé das Iaras*. *Necrópole* era uma obra que ele havia escrito entre o final da adolescência e início da juventude, logo que começou a estudar Letras no ano de 2005.

O livro possuía uma grande influência dos “poetas malditos”, alguns poetas franceses como Charles Baudelaire, Arthur Rimbaud, Sôndrade, Nauro Machado e também de Augusto dos Anjos. Todavia, como a maioria dos escritores, Theotonio rejeitou essa primeira obra, pois ele acreditava que os poemas eram imaturos e mostravam-se dependentes desses clássicos. A tentativa de destruir de uma vez por todas tais textos fracassou, pois sua esposa, Ana Karine, não permitiu.

Com o passar do tempo e com as insistências dos amigos, Theotonio resolveu publicar os textos e assim perceber o quanto ele evoluiu em sua escrita. E a nova fase que o poeta fala é sobre a literatura na visão africana, utilizando a cultura e a religião para construir seus poemas.

Theotonio Fonseca possui um hibridismo de escolas, ele é um poeta moderno quanto à escrita e à composição de estrofes, contudo, os seus poemas não possuem métrica, porém, em relação à linguagem e à construção do verso, dialoga com várias escolas: simbolismo, parnasianismo, modernismo e etc. não havendo definição precisa sobre sua escrita. Sobre isso a escritora Samira Fonseca diz:

Os versos de Theotonio Fonseca possuem rimas ricas, nelas é muito difícil se encontrar palavras da mesma classe gramatical, o que faz com que o leitor não atente para a métrica que apesar de não haver, sua falta é minimizada pela riqueza vocabular, isto ocorre devido a forte presença do Modernismo inclusive nas temáticas atuais que ele aborda; o que sem sombra de dúvidas o torna um dos maiores poetas que já existiu em Itapecuru, tendo uma rica produção poética que carrega em suas linhas características da literatura latina, do Barroco, do Ultrarromantismo, do Simbolismo, do Parnasianismo e do já citado, Modernismo. (FONSECA, 2017, p.49).

O Batucajé das Iaras marca a história da literatura itapecuruense, pois além de mostrar a primeira fase do jovem Theotonio, é o primeiro livro a fazer menção as religiões de matriz africana, linguagem africana utilizada nos terreiros, à comunidade quilombola de Santa Rosa dos Pretos e sua ancestralidade, como se atesta no poema Um Batucajé em Santa Rosa, onde o autor escreve: “[...] e Averequete chegando no àiye/ virou para a mata o Batucajé./ Iaras e voduns, mãe d’água, Boboromina/a gira é aberta por mãe Severina” (SOUSA 2016).

A obra está dividida em duas partes, na primeira tem-se: Primeiros Poemas – 2000-2005 e a segunda parte são Os Novos Poemas 2015. É o único livro de poesia que faz referência a uma sessão espiritual em um terreiro de Itapecuru-Mirim.

A imortal Benedita Azevedo, no prefácio da obra faz a seguinte afirmação:

Com textos cuidadosamente sombrios e rebuscados, Theotonio fala de flores, pedras, fé, artistas populares, prostitutas, heróis, cenários e visões. E quando menos se espera, surge com um poema maroto que homenageia um grande poeta [...] Se o ato de ler é uma grande viagem, este livro é uma espécie de túnel do tempo. Você irá para tempos, vidas e mundos diferentes, no embalo de uma sonoridade poética fortemente marcada e de uma proposta literária ousada e rara nos dias atuais. (AZEVEDO 2016, p.8).

É comum, que alguns poetas gostem de compor músicas, o poeta Theotonio possui mais essa característica em sua biografia. Como compositor ele fez 4 (quatro) canções que foram musicalizadas por Geraldo Ismar Lopes, que é membro da Academia Itapecuruense de Ciências Letras e Artes –AICLA, entre as músicas estão: Menina da Ponta da Areia, que é em ritmo de Bumba-meu-boi, Rainha do Lar e, O que restou de nós. Canções que poucas pessoas na cidade de Itapecuru conhecem, tendo em vista a falta de divulgação dos cantores da cidade.

Theotonio Fonseca de Sousa foi o primeiro professor em Itapecuru-Mirim a mostrar interesse pelas religiões de matriz africana, isso aconteceu desde a época em que ele era adolescente. O poeta se dedicou a fazer um estudo antropológico, científico sobre tais religiões ainda na metade da década de 2000. Theotonio começou a frequentar terreiros para realizar entrevistas e gravações com as sacerdotisas das religiões de matriz africana, enfim, um trabalho pioneiro e de andorinha, tudo para que ele conseguisse resgatar a memória dos

anciãos, pois para o poeta a história de Itapecuru que é contada por grandes historiadores do município, não é relatada a partir daqueles que construíram a história, ou seja, os lavradores, os quilombolas, as populações indígenas dizimadas, os operários, destarte, a história que se conta é a que retrata a vinda dos sírio-libaneses para o município.

Sendo assim, Theotonio foi de encontro com a tradição e desses estudos surgiu o livro de poemas *Batucajé das Iaras*. Tempos depois a escritora Samira Fonseca que bebeu da fonte de Theotonio, acabou sendo influenciada e resolveu se debruçar na mesma temática, só que no gênero da prosa, vindo à luz o livro *Crystal: uma história de sincretismo e encantaria*.

Há ainda uma obra inédita do autor, que se chama: *Dueto Itapecuruense*; livro feito de com seus contos e crônicas e algumas poesias, junto à escritora Samira Fonseca, brevemente estará disponível.

5.1 A prosa de Theotonio Fonseca

As pesquisas feitas no acervo da Biblioteca Pública Benedito Buzar, revelou que o escritor de *Batucajé das Iaras* tem um domínio da prosa, muito semelhante ao da poesia. Muitos textos foram escritos e publicados no *Jornal de Itapecuru*, textos que abordavam inúmeras temáticas que faziam parte do cotidiano itapecuruense.

Para compreender a prosa de Theotonio é preciso que se compreenda a importância do ato da leitura para uma pessoa. Assim o professor e imortal José Neres, faz a seguinte afirmação sobre o tema dizendo:

Durante o ato da leitura, a pessoa mergulha não apenas nas denotações e conotações expressas pelas palavras, mas sim em um processo de conhecimento e de autoconhecimento. Ninguém que leu com atenção [...] sai das páginas do texto da mesma forma que entrou. Sai transformado, mais crítico, mais atento e muito mais humano. (NERES 2015, p. 108).

Com a produção de Theotonio ocorrem exatamente estas coisas, cada texto por ele narrado, um manancial de conhecimento é descoberto em meio a tantas e tantas produções. Basta uma pequena pesquisada nos jornais amarelados de Gonçalo Amador, dono do *Jornal de Itapecuru*, e lá na página de opinião estará um conto, uma crônica, uma entrevista ou um artigo de opinião do poeta.

Com características simbolistas em alguns textos, o escritor de *Poemas Itapecuruense* e outros poemas; vai traçando seu pensamento sobre assuntos importantes, como no texto *O homem diante da queda*; nele a morte do ser humano é o tema trabalhado e de maneira sutil

ele diz que a queda ao que o texto se refere é “exatamente àquela na qual fomos desde a mais tenra idade catequizados a acreditar como sendo a matriz geradora de todo mal que nos assola” (SOUSA 2009).

Observa-se aqui que mesmo sendo um assunto delicado de ser tratado, o poeta com a mão simbolista faz com que o leitor não sinta o peso que é se falar sobre a morte. O eufemismo utilizado no texto obstrui os sentimentos de horror que a palavra morte, causa na mente do leitor.

No texto *É preciso amar o rio I e II*, Theotonio fala sobre a preservação das águas o Rio Itapecuru, e envolve informações importantes sobre as ações vis causadas pela mão do homem e poesia em homenagem as águas barrentas, tudo isso, Theotonio mescla com sua suplica desesperada de atenção ao caudaloso rio que banha e batiza a cidade de Itapecuru-Mirim. Aqui cabe salientar que a poesia foi publicada em seu primeiro livro de poemas.

Theotonio Fonseca de Sousa no ano de 2009 publicou um artigo de opinião intitulado *Pérolas Inesquecíveis*, texto que fazia memória a quatro intelectuais e formadores de opinião do município: Natinho Ferraz, Monsenhor Benedito Chaves Lima, Professor Wellington Cruz e João Silveira, mas o artigo fazia memória a um veículo de comunicação que circulou em tempos de outrora em Itapecuru. O poeta fala no artigo:

A Revista Nossa Cidade, representou não obstante, sua vida curta, um marco no jornalismo escrito local, com trabalho gráfico primoroso, colunas diversificadas que iam da política à Religião, passando pela educação, pecuária, administração e história de Itapecuru (SOUSA 2009, p.5).

O sumiço de tal revista fez com que o poeta viesse a recordar do veículo que fora muito importante, quando ainda não existia o jornal de Gonçalo Amador.

Theotonio Fonseca, ao fundar o pasquim O Observador Itapecuruense, no ano de 2010, escreveu sobre as mazelas sociais que assolavam o Caminho de Pedras Miúdas, e com o findar do folhetim, ele publicou em um blog que possui ao mesmo nome do Pasquim.

No texto intitulado *Um estupro em cada esquina*, o poeta disserta sobre a prostituição das jovens adolescentes, enovelada com o uso de entorpecentes. E critica o órgão do governo que deveria fiscalizar tais casos, ou seja, o Conselho Tutelar. E como um bom poeta que é, tratou de ironizar as ações das autoridades locais que na época, pouco faziam para minimizar o problema, dizendo:

Se as autoridades locais não têm condições de fazer a higienização da ameaça das drogas e da prostituição, por que a Polícia Federal, as forças armadas brasileiras, a ABIN, o FBI, a INTERPOL, a OTAN, as forças militares da ONU, MIB- homens de preto, o ogro Shrek, o Padre Quevedo, o Bispo Macedo, Bitá do Barão, Inri Christi,

Irmãos Coragem, Charles Bronson, Chuck Norris, Van Dame, Jet Li, Steven Seagal, Rambo, O Exterminador do Futuro, a Mulher Maravilha, o Superman, as Meninas super poderosas, Batman, Rita Kadilac, Tiazinha, Pit Bicha e Pit Bitoca, ou os extraterrestres de Steven Spielberg não são mobilizados? (SOUSA 2010, p.7)

O problema persiste até hoje, todavia, percebe-se que o Theotonio não silenciou diante das mazelas sociais de sua terra natal, como muitos professores, escritores e outros intelectuais fizeram e ainda fazem. O poeta indignado utilizou de sua única arma, a palavra, para relatar que ele não compactuava com tal situação.

E não para por aí, ao pesquisar sobre a prosa do autor, percebeu-se que ele se demonstrava preocupado com o patrimônio cultural do município, em especial a Casa da Cultura, como se atesta pelo texto intitulado *O Ossuário da Cultura Itapecuruense* e faz a seguinte afirmação sobre o lugar: “a Casa da Cultura Profº João Silveira, cuja degradação paulatina e depredação silenciosa vêm reduzindo-a a um cemitério de ossos secos e ao contrário de um projeto museológico que a modernizasse” (SOUSA 2010).

Bem, quem faz uma breve visita à citada instituição, percebe que desde 2010, até o presente momento, muito pouco foi feito para que tal situação fosse modificada. É mais uma crítica ao descaso do poder público para com a terra natal de Mariana Luz.

Mas não é apenas de saudosismo e denúncias que a prosa de Theotonio Fonseca é feita. Os artigos do poeta também exaltam o nome de artistas locais, como é o caso do artigo publicado no ano de 2008 no Jornal de Itapecuru, intitulado *Os Vagões da Existência de Allison Rilkt*, artigo que faz uma breve análise da obra *Vagões de Lumes*, do poeta Allison Rilkt, que é membro da Academia Itapecuruense de Ciências Letras e Artes. Sobre ele, Theotonio afirma: “Depreende-se da leitura de *Vagões de Lumes* que Alison Rilkt é um versejador de forte lirismo telúrico que canta sua terra com alegria sem jamais ceder à nostalgia merencória, canta o amor com um erotismo ténue em poemas” (SOUSA 2008, p 02). É um dos poucos estudos literários que há na história da literatura itapecuruense.

Outro nome que foi analisado pelo poeta Theotonio, foi o do artista plástico Beto Diniz. No artigo intitulado *Beto Diniz: Retrato de um artista itapecuruense*, o escritor de Batucajé das Iaras exalta a produção do maior artista plástico Itapecuruense, falando sobre toda a sua trajetória com a pintura.

O leitor de Theotonio percebe que o poeta possui bastante admiração pelo imortal Beto Diniz logo pela capa de seus livros. Tanto a capa de *Poemas Itapecuruenses* e outros poemas, quanto do livro, *Batucajé das Iaras*, foi feita pelo artista plástico de acordo com a ideia central do livro.

O poeta também enveredou pelo caminho do jornalismo e fez algumas entrevistas com os pais e mães de santo da cidade, mostrando a resistência da religião de matriz africana, pelo povo que não é visto e tão pouco valorizado, mas que tem sua importância na vida de muitos.

Uma das entrevistas chamava-se: *Seu Nazaré: A história de um zelador de vodum*, nela o poeta buscou investigar desde as origens do entrevistado, perpassando pela iniciação nos cultos até os dias atuais. O objetivo das entrevistas era exatamente este:

Como tentativa de resgatar minimamente essa história rica e fundamental na construção da igualdade racial no torrão natal de Mariana Luz (poetisa afrodescendente) iniciamos com a presente matéria uma série de entrevistas com os principais representantes do tambor de mina em Itapecuru-Mirim [...] com um de nossos mais antigos zeladores de voduns divindades daomeanas cultuadas no tambor de mina. (SOUSA 2011, p.22).

Como fora dito em capítulos anteriores, o poeta dedicou sua escrita a construção de um trabalho que muito se assemelha aos do casal Ferretti, todavia, este trabalho se limitaria apenas ao município de Itapecuru-Mirim. Esse pioneirismo desconhecido da maioria das pessoas e totalmente desvalorizado chama a atenção do pesquisador que se debruça sobre a vida e obra do poeta, isso porque aquele que o vê como um homem branco e de olhos verdes, jamais imaginará que Theotonio é uma das poucas pessoas que busca a igualdade racial e abolição do preconceito religioso em Itapecuru-Mirim.

Outras entrevistas foram realizadas e algumas publicadas neste jornal.

A prosa poética também faz parte da obra de Theotonio, tanto que alguns de seus artigos ele submete a luz da poesia, como é o caso do texto chamado *O Nascimento do Poema* publicado em 2011.

A prosa de Theotonio é tão vasta e de excelente qualidade, que segundo a pesquisadora Jucey Santana (2017), ele possui uma obra inédita, “*Dueto Itapecuruense* (contos, crônicas e artigos) em parceria com a romancista itapecuruense Samira Fonseca”. Tal livro é uma grande promessa de uma das maiores contribuições para as letras do município, e mesmo antes de ser lançado já está sendo aguardado com muita ansiedade, pois a obra será a união da prosa e da poesia itapecuruense.

Devido a grande quantidade de publicações em prosa do poeta, resolveu-se citar as principais narrativas, disponíveis no Jornal de Itapecuru e nos blogs em que o poeta escrevia, entre elas estão: Natasha Ludovicense – Crônica; A antropofagia revisitada na sátira de “L’affaire Sardinha”- Crônica; Rudolph: Um visconde alquimista – Conto; O aniversário da cidade – Mulher – Crônica; O Nascimento do Poema – Conto; É preciso amar o rio I e II, -

Crônica; O homem diante da queda – Crônica; Nuvens de concreto – Conto; Seu Nazaré: A história de um zelador de vodum – Entrevista; Chico e o segredo das ervas – Entrevista; Beto Diniz: Retrato de um artista itapecuruense – Artigo; Os Vagões da Existência de Allison Rilkt – Artigo; Madalena do mar, a ilha do sossego – Conto; Pérolas Inesquecíveis – Artigo; A dama da angústia e mujique – Conto; A verdade que não deveria ter doído – Artigo; O muro- Crônica; O cachorro de Ulisses – Conto; O Ossuário da Cultura Itapecuruense – Artigo; Um estupro em cada esquina – Artigo; De volta ao trabalho ou construindo Dubai?-Artigo; Uma estrela – Conto e; O velho balseiro – Conto.

Estes e outros escritos em prosa fazem parte do rico acervo de textos do professor e poeta Theotonio Fonseca.

Depois de toda esta pesquisa, questiona-se o porquê da maioria dos itapecuruenses desconhecerem a obra do escritor. Será que os professores da rede pública e privada estão sendo leitores dos escritores locais? Se realmente estão, qual o motivo do não estudo da produção literária de Theotonio e de tantos outros escritores?

Crer-se que a literatura itapecuruense precisa ser revisitada para que o galardão seja dado a quem realmente merece. Pois diante da produção literária de Theotonio Fonseca claramente pode-se afirmar que, ele contribuiu muito mais para a literatura do município, do que outras pessoas que só passaram a escrever depois da fundação da academia de letras.

5.2 Características africanas na produção do poeta

Aquele que ler o livro O Batucajé das Iaras e não tem um conhecimento profundo da produção do poeta Theotonio, logo imagina que tal livro seja a única produção sobre essa temática que ele possui. Em termos de uma obra literária, sim, mas em termos de publicação, não o é, isto porque, o poeta possui alguns trabalhos publicados nos jornais que circulam na cidade de Itapecuru-Mirim, quer seja impresso ou digital.

Uma das primeiras produções com características africanas que se tem registro chama-se Madalena do Mar, a Ilha do sossego, publicado no Jornal de Itapecuru, no ano de 2010. O texto contém aspectos e elementos que dão margem as histórias afro-brasileiras, como o mar, a ilha de encanto, a forma de como é a personagem principal do texto, ou seja, Madalena, que muito se assemelha com Iemanjá, divindade dos cultos de matriz africana. Afora as entrevistas com as sacerdotisas e sacerdotes dos terreiros. Todo esse período dedicado ao estudo sobre as religiões de matriz africana culminou com o surgimento do livro Batucajé das Iaras e com a formação intelectual do poeta. Hoje, na cidade de Itapecuru-Mirim, há poucas

peessoas que dominam esta temática e sem sombra de dúvida, Theotonio é um dos principais conhecedores.

Sobre seu trabalho a escritora Samira Fonseca afirma:

Nos últimos anos, Theotonio Fonseca vem demonstrando o seu apreço pelas religiões de Matriz Africana, seja na prosa ou na poesia, ele sempre está a dialogar com o culto aos orixás e voduns. [...] O escritor, fundamentado na história do negro e sua contribuição sociocultural para o país, tenta incessantemente desmitificar a ideia de que cultos africanos são demoníacos, prezando assim pela cultura religiosa desse povo. (FONSECA 2012, p. 9.)

Ao estudar a literatura itapecuruense, logo o pesquisador observa que há um pioneirismo por parte do poeta. É importante que se afirme que, Theotonio Fonseca é o primeiro poeta que trabalhou as características do povo negro, na cidade de Itapecuru-Mirim. Mesmo dentro da prosa, não existe outro nome que tenha produzido uma literatura voltada para as raízes africanas. Alguém de repente pode lembrar o nome do professor e imortal Mauro Rego, todavia, no livro “Fantasma do Campo”, há narrativas que falam sobre o município de Anajatuba, e ainda sim, não há o mesmo vocabulário utilizado por Theotonio, ou seja, o que se ouve nos terreiros.

Essa tentativa de elevar o nome da cultura negra, em especial, do quilombola, serve como base para o conhecimento sobre a ancestralidade de um povo, tendo em vista que, a escravização ofuscou as tradições advindas com os negros, por meio da demonização ou satanização dos cultos das religiões de matrizes africanas.

Sabe-se que a vida do negro com suas tradições culturais sempre foram de lutas e resistências, quer seja com o Estado ou a Igreja; esta que há bem pouco tempo, na ilha de São Luís travou uma batalha contra o espiritismo ao ponto de excomungar macumbeiros, “bruxos e feiticeiros” (FERRETTI 2001, p. 44). Uma aberração inexplicável para quem prega amor e misericórdia. No tocante as expressões utilizadas na poesia de Theotonio Fonseca de Sousa, mais precisamente no livro Batucajé das Iaras, destacam-se aquelas que fazem parte do vocabulário utilizado nos quilombos e terreiros, como: Abatazeiros, caixeiras, vodunsis, alaxés, katendê, tumeiros, ashé, ilê, ofó, ajé, mariô, marafo, àiye, Boboromina, aruanda, baticum, dentre outras, que se configuram como delineadoras das características africanas no poema de Theotonio, além das entidades que em meio aos versos, surgem para dar mais força ao seu texto poético, como se atesta no poema intitulado: Um Batucajé em Santa Rosa, que está escrito na contracapa do livro:

[...] e Averequete chegando no àiye; Virou para a mata o Batucajé. Iara e voduns, mãe d’água, Boboromina; A gira é aberta por Mãe Severina. O Tambor de Mina

uniu tribos e ‘nações’; Em aruanda, sem senzalas ou grillhões. Iaras e voduns, Pindorama e Daomé. Carnaval de encantarias, no baticum do alaxé! (SOUSA 2016,p.4)

Ora, observa-se aqui, que o poeta fala de uma festa em um terreiro de tambor de mina localizado no povoado quilombola Santa Rosa, as margens da BR 135, o Terreiro de Nossa Senhora dos Navegantes, pertencente à Severina Silva Pires. Aqui se pode observar que, a festa é para a princesa Servana, uma entidade Gentil. De acordo com Alvarenga (2013), “os Gents, segundo estudos sobre religiões de matriz africana, são nobres encantados de origem europeia, também confundidos com entidades de raiz africana, sincretizados em associação a santos católicos”.

Outro nome de grande importância na religião de matriz africana é o de Averequete, que de acordo com Ferretti (2009, p.289) é um “vodum masculino, rapaz, da família de Quevioçô. Fala e faz papel de toquém. É protegido por sua irmã Abê. É pajem. Em outros terreiros aparece como um velho”. Ele é mais uma entidade que o poeta reverência nas linhas da sua poesia que se funde com outros elementos voltados para o lado indígena, como pindorama e iaras, satubas e mãe d’água.

Enfim, há um leque de informações, de histórias e conhecimento em apenas uma poesia. Aqui se observa também, que pela primeira vez, um escritor itapecuruense menciona o culto africano nas linhas da literatura local. Ao citar a forma com que a mãe de santo, Severina abre a sessão, Theotonio se torna o pioneiro no tocante a este fato, tão comum para os adeptos da religião, mas ao mesmo tempo importante para a literatura de Itapecuru-Mirim, pois nenhum outro texto faz tal menção. Observa-se uma falha na historiografia de Itapecuru, quando se provocam estudos monográficos como este, e busca-se a revisitação à história do município, nota-se que não há nenhuma referência aos Pais e Mães-de-santo, brincantes das casas de umbanda, e tão pouco se tem um estudo que catalogue a quantidade de tendas espíritas da umbanda existentes em Itapecuru-Mirim, da mesma forma como há o registro de inúmeras igrejas protestantes, pentecostais e neopentecostais em livros publicados por autores do município.

6 O BATUCAJÉ DAS IARAS: Encantaria nas linhas poéticas de Itapecuru-Mirim

Quem se dispuser a estudar a obra do poeta Theotonio Fonseca de Sousa, vai se deparar com um tipo de poesia diferente daquelas que os poetas atuais possuem. Theotonio verseja de maneira sutil, tendo como base o mais puro vernáculo português. Ao contrário do que a maior parte dos poetas itapecuruenses da atualidade fazem, nas estruturas poéticas, ele não costuma utilizar a mesma classe gramatical para dar rima as suas poesias.

Pode-se dizer que, ler as poesias de Theotonio não se configura em uma tarefa fácil, tendo em vista o nível vocabular, muitas vezes, utilizado por ele. Porém, torna-se uma tarefa prazerosa, pois induz o leitor a percorrer o caminho do conhecimento para saber o significado do poema, escrita por ele, além de fazer com que haja o aprendizado de novas palavras e expressões antes desconhecidas. É praticamente impossível alguém ficar alheio àquilo que o poeta escreve.

O poema, Batucajé das Iaras, que dá nome a segunda obra literária de Theotonio Fonseca, é o primeiro a falar sobre o culto africano e toda a encantaria mística advinda da religião afro-brasileira, na história da literatura de Itapecuru-Mirim, como já fora dito em capítulos anteriores. Foi desta maneira que surgiu a necessidade de se fazer um estudo mais aprofundado sobre tal poema, que se descreve abaixo:

O fim da tarde se desvelava no horizonte brasileiro / a noite se esboçava na face do firmamento / na cabana o preto velho acendia o candeeiro / e a sinhazinha era ninada com cantigas de lamento / pela formosa mucama, rouxinol e dengo da Sinhá / Que como filha a queria bem e até se confidenciava / mas o querer-bem não era o suficiente para alforriar / aquela que seus segredos a sete chaves guardava. (...) Quando os olhos fechava adormecida, cansada / Elvira sonhava com as florestas de Daomé / o katendê de seu amor, de quem fora separada / o porão dos tumbeiros, prece ao vodum Badé. / Evocações de uma história de sofrimento, partida / diáspora para onde nunca havian chegada / só o ashé no coração dava sentido a vida / só nos sonhos d'África Elvira não era escrava. (...) E foi nos sonhos sem tumbeiros ou senzala / onde ela se viu sensualmente a dançar / um batucajé com as mais belas iaras / que em nossos rios e riachos tem seu habitat. / Ninfas indígenas, entidades amazoninas / amolengadamente requebravam as cadeiras / pareciam do recôncavo moçoilas, meninas / em um samba de roda no pelô, no ilê ou na feira. / E enquanto a batucada fervia ofó ajé / encantamento de cadência mística, feiticeira / as iaras se lambuzavam com amalá e acarajé / e ecô embrulhado em folha de bananeira / cobriam as negras melenas com coroas de marirô / saracoteavam, cantavam e bebiam marafo / suavam de prazer, embelezadas de calor... / Elvira acordara com o olhar embriagado / fez uma prece a Bará, rogou proteção e ashé / e sorriu do sonho das iaras no batucajé! (SOUSA 2016, p. 101-102)

É possível observar que o poema, possui 4 (quatro) estrofes, sendo que três deles são em oitavas, ou seja, possuem 8 (oito) versos e uma décima, o que é equivalente a 10 (dez) versos. As rimas externas têm algumas características de rimas ricas, pois possui o conjunto

rimário que não pertencem à mesma classe gramatical, como é o caso de (*Feiticeira e Bananeira*). Porém, é possível encontrar características das rimas pobres, onde as mesmas classes gramaticais estão presentes, como é o caso de (*Confidenciava e Guardava*). Ainda falando sobre a estrutura do poema, observa-se em relação à posição na estrofe, que as rimas são interpoladas e seguem da seguinte maneira: 1ª ESTROFE- **AB-AB-CD-CD**; 2ª ESTROFE- **AB-AB-CA-CA**; 3ª ESTROFE- **AB-AB-CD-CD**; 4ª ESTROFE- **AB-AB-CD-CD-AA**.

Tais aspectos são importantes para se conhecer sobre a produção poética de Theotonio, uma vez que, ele é um dos poucos escritores do município que utiliza essa estrutura em seus versos. Ao se debruçar sobre a literatura local, percebe-se que a grande maioria utiliza versos livres, rimas brancas, pois eles se preocupam apenas com a mensagem que o poema irá transmitir e não com a estrutura.

Para findar os aspectos estruturais de Batucajé das Iaras, observa-se no poema, que Theotonio não possui o domínio da metrificacão poética. E isso fica bem claro quando se faz a metrificacão poética dos dois primeiros versos do poema: O/ fim/ da/ tar/de/ se/ des/ve/la/va/ no ho/ri/zon/te/ bras/ile/i/ro (17 sílabas poéticas). A/ no/i/te/ se es/bo/ça/va/ na/ fa/ce/ do/ fir/ma/men/to (15 sílabas poéticas).

Ora, fez-se a contagem das sílabas apenas para se atestar que o poeta ainda não atingiu o nível dos poetas clássicos, mas, tal dissonância não é motivo para inferiorizar a produção poética de Theotonio, tendo em vista que, pelas rimas, é possível ver que ele busca essa perfeição.

Afora o fato de que com o advento do Modernismo, os poemas clássicos perderam suas forças e atualmente é muito difícil encontrar um poeta que se prenda as regras da escanção poética. E se tratando de Modernismo, a temática abordada por Theotonio, a qual eleva o nome da cultura afro-brasileira, remete a uma das características do movimento que aconteceu no ano de 1922, sobre a utilização de uma literatura com mais brasilidade. E para findar esta breve análise da estrutura do poema, deve-se recordar as palavras do professor e imortal José Neres (2015, p.117), onde ele afirma que “os poetas concretistas afirmavam que o ciclo da técnica de versificação estava esgotado e deveria ceder lugar a novas formas de expressão poética”.

Sabe-se que um poema vai além da análise estrutural, ele perpassa também pela interpretação do leitor. Sendo assim, o poema Batucajé das Iaras proporciona àquele que ler, uma imagem sobre o período escravocrata do Brasil.

O poema narra um pouco sobre o sonho de Elvira, uma escrava de confiança da Sinhá. A mucama era tão querida pela senhora da casa, que era a confidente de seus mais tenros segredos. Depois de um dia cansativo, Elvira tivera um sonho. Sonhou que havia voltado a Daomé lugar de onde fora forçada a sair. E perpassou em seu sonho, por todo o sofrimento da viagem da África ao Brasil em um porão de navio negreiro. Contudo, seu sonho foi buscar a sua terra, e lá ela viu Iaras dançando, junto com ninfas amazônicas a qual se assemelhava a uma roda samba. E a festa continuava com as comidas e bebidas africanas. Lá não havia escravidão e nem sofrimento. Quando Elvira acordou fez sua prece ao orixá Bará e sorriu do sonho que tivera.

Ora, de acordo com a História do Brasil, as escravas que chegavam as casas grandes, deveriam trabalhar na cozinha, cuidando de toda limpeza da casa e também das crianças, muitas das escravas serviam como amas de leite e amamentavam os filhos dos senhores brancos. O papel delas era único e exclusivamente para servir no ofício doméstico.

Assim diz a escritora Sandra Graham (1992, p.18):

[...] o âmbito do trabalho doméstico inclui, em um extremo, as mucamas, as amas-de-leite e, no outro, as carregadoras de água ocasionais, as lavadeiras e costureiras. Até mesmo as mulheres que vendiam frutas, verduras ou doces na rua eram geralmente escravas que, com frequência, desdobravam-se também em criadas da casa durante parte do dia. A meio caminho estavam as cozinheiras, copeiras e arrumadeiras. O que as distinguia não era apenas o valor aparente de seu trabalho para o bem-estar da família, refletindo no contato diário que cada um tinha com os membros desta, mas também o grau de supervisão. [...] (GRAHAM, 1992, p.18)

Todavia, ao contrário de milhares e milhares de escravas que foram trazidas para o Brasil, e sofria nas mãos das suas Senhoras, Elvira era querida pela Sinhá, tanto que a Senhora, nutria sentimentos de mãe e filha ao ponto de guardar-lhe os segredos, contudo, tal sentimento não configurava dar liberdade para a escrava. Essa é a interpretação da primeira estrofe do poema. Na segunda estrofe, nota-se que depois de fazer suas obrigações e já cansada, Elvira pôs-se a sonhar e lembrava-se da sua vida em Daomé. De acordo com Castro Carvalho (1962, p. 108) “Daomé distinguiu-se, no século passado, pelo triste papel de ter sido o centro do tráfico de escravos, pelo que conservou, durante algum tempo, a denominação de Costa dos Escravos”. Sendo assim, Elvira recordava em sonho do lugar e de quando não era escrava e, vivia feliz com seu povo, seus costumes e religião.

Ao refletir sobre tal estrofe, o pesquisador pode perceber que Elvira é apenas um exemplo de negra que sobreviveu a viagem do atlântico nos porões dos navios negreiros; figura que remete a reflexão sobre a saudade que os negros tinham de sua terra, sua gente; ser

humano traficado, separados de suas famílias, sem nenhuma piedade, para sustentar com os braços do esforço físico um país recém-colonizado.

Prosseguindo com a interpretação da terceira e quarta estrofe, observa-se que, em meio às matas e seres místicos encantados do folclore brasileiro, como as ninfas indígenas, que na verdade são espíritos que vivem em florestas, lagos, bosques, e iaras; está Elvira esquecida de sua situação de escrava, dançando um Batucajé. Ao que o poeta relata que a dança se parece muito com uma roda de samba. De acordo com Rodrigues (1881, p. 37).

A Iara é a sereia dos antigos com todos os seus atributos, modificados pela natureza e pelo clima. Vive no fundo dos rios, a sombra das florestas virgens, a tez morena, os olhos e os cabelos pretos, como os filhos do equador, queimados pelo sol ardente, enquanto que a dos mares do norte é loura, e tem olhos verdes como as algas dos seus rochedos.

Percebe-se aqui a presença de seres das lendas brasileiras em um sonho de uma negra africana. Ainda de acordo com o poema, depois de muita dança, havia as comidas: Amalá, acarajé e ecô, todas pertencentes à cozinha africana, que são oferecidas aos orixás. E também a água ardente, ou cachaça. E, finalizando a interpretação, dois seres encantados da religião de matriz africana são evocados no poema. Um é Bará, orixá responsável por abrir os caminhos e estabelece comunicação entre os seres humanos e as divindades espirituais e o outro o vodum Badé; sobre ele Sérgio Ferretti afirma:

Badé- Vodum masculino da família de Quivioçô [...] É também chamado Neném Quivioçô. É encantado na pedra de raio e representa o trovão. Equivale a Xangô entre nagôs. É festejado no dia de São Pedro. Tem uma dança em que briga com Liçá, numa luta de espadas, dançando numa perna só, levantando os braços. É a luta do trovão contra o sol. Não gosta de fumo. Usa um lenço e uma faixa branca com guizos. (FERRETTI 2009, p.290-291)

Nota-se que no poema de Theotonio, há um leque de conhecimentos sobre, encantaria mística do povo africano. Nele está presente a encantaria, a história e as lendas dos povos indígenas, o que vem a dar sentido ao nome Batucajé das Iaras. Crê-se que este poema, aqui analisado, pode perfeitamente se encaixar dentro das aulas de literatura Africana, do Modernismo e também da literatura Maranhense. Acredita-se que com ele, os acadêmicos poderiam dar início a uma pesquisa mais aprofundada sobre a contribuição africana em especial do povo advindo de Daomé, para a história e a literatura do Estado do Maranhão.

7 EIVIRA E A DIÁSPORA AFRICANA

Elvira a escrava cativa advinda de Daomé, personagem central do poema Batauajé das Iaras é na verdade o estereótipo dos negros que foram vendidos e trazidos para o Brasil no período escravocrata.

Sabe-se que nas aulas de História do Brasil, a temática de período da escravidão é abordada pelos professores, porém, fica distante da verdadeira imagem que se tem sobre a diáspora que acontecia. É comum, ouvir que os escravos eram trazidos de maneira forçada para o Brasil, todavia, existia um verdadeiro mercado negreiro no continente africano, responsável pela venda deles próprios. Contudo, antes de falar sobre o tráfico de escravos para o Brasil em especial ao Maranhão, cabe aqui falar sobre o termo diáspora, que nada mais é que a forma forçada do tráfico de negros para outros continentes.

De acordo com Del Priore e Venancio:

O tráfico foi um movimento – uma forma de deportação – de homens e mulheres portadores de ideias, de valores, de saberes, de religiões e de tradições. Foi precisamente esta cultura em movimento que manteve a força da sobrevivência, da resistência, da adaptação e, enfim, do renascimento de indivíduos arrancados à terra de seus ancestrais. Por sua exclusiva vontade de viver e de criar, a violência absoluta que sofreram acabou por produzir reencontros, fecundações e mestiçagens, que, na misteriosa alquimia da construção de identidades, deram à luz novas e plurais formas de culturas e de identidades. (PRIORE; VENANCIO, p. 3, 2004).

Ou seja, o que chamamos de cultura brasileira é originada do suor, das lágrimas e do sangue dos negros que foram impiedosamente separados de seus familiares. No Brasil, a influência negra é bastante forte em estados como o Rio de Janeiro, Bahia e também no Maranhão. Estados que resguardam todo um legado de conhecimento e de cultura, deixado pelos antepassados advindos nos porões dos navios negreiros. O lugar mais famoso de comércio de negros era a região do Golfo de Benim, conhecida como: A Costa dos Escravos:

Nos portos da Costa dos Escravos, ingleses, holandeses, franceses, portugueses e brasileiros abarrotavam os navios de gente destinada a ser “exportada” para as Américas. De fato, nenhuma grande nação europeia ficou fora deste que era o negócio internacional mais rentável da época. Os africanos escravizados, moradores de pequenas aldeias cada vez mais distantes do litoral, eram vítimas de assaltos e guerras. Presas pelo pescoço umas às outras, essas pessoas eram levadas para os mercados onde aguardavam os compradores, às vezes por meses. Eram então trocadas, no século XVIII, principalmente pelo fumo de rolo produzido na Bahia, produto muito procurado naquela região e que garantia a primazia dos brasileiros (ALBUQUERQUE e FRAGA FILHO 2006, p. 26).

Há uma narrativa equivocada quanto à vinda escravos para o Brasil. Acontecia na verdade trocas de produtos, entre europeus e africanos. No caso dos portugueses, havia aquela

mesma tática utilizada na colonização brasileira com os índios, de fazer trocas de produtos sem grande utilidade, pelo ouro e madeira; no caso da África, o produto especial era os negros, que serviriam para mão de obra escrava. E diante do fato, da citação acima, chega a ser até desumana, algo animalesco, como se eles não pertencessem à mesma raça, ou seja, a humana.

Talvez isso nos dias atuais fosse inconcebível ou impensável, tendo em vista que, venda de pessoas constitui uma afronta aos direitos humanos. Mas o que os jornais e as redes sociais noticiaram nos últimos meses, remete o povo aos tempos de outrora, ou seja, tempos da escravidão negra. Que está sendo o caso dos africanos que são iludidos por atravessadores na esperança de chegar ao continente europeu, mas terminam parando na Líbia e sendo vendidos como escravos, como noticiou uma rede de televisão americana. Pode-se afirmar, sem sombra de dúvidas que, o mundo retrocedeu mais de quatro séculos.

No poema de Theotonio, existe uma pequena citação sobre os porões dos tumbeiros e do sofrimento da partida para outras terras, porém, nada que seja tão impactante como em outros textos ou mesmo como na citação feita acima, extraída do livro, “Uma história do Negro no Brasil”, e também, das imagens que sondaram o mundo no ano de 2017, com negros dependurados como cachos de bananas, para serem vendidos.

Diante disso, questiona-se, o que fará as autoridades do mundo inteiro diante de tal aberração? Que penalidades a Líbia pode ter, se na reunião do G8 esta situação estiver em pauta? A Organização das Nações Unidas – ONU conseguirá dar um basta nesta novela que já foi assistida uma vez por todos? Será possível que o mundo vai reviver o mesmo pesadelo de outrora, de braços cruzados, sem uma forte tomada de decisão?

Enfim, de volta ao poema e a alusão à diáspora do século passado, Elvira era do reino de Daomé, como muitos e muitos negros que chegaram ao Maranhão, após atravessarem forçadamente o Atlântico. Sobre o lugar, Albuquerque e Fraga Filho (2006, p. 28) afirmam:

O tráfico era tão fundamental para o reino de Daomé que em 1750, 1795 e 1805 foram enviados embaixadores daomeanos à Bahia com a incumbência de firmar acordos de monopólio comercial para o envio de cativos, [...] os negócios entre as elites do Daomé e os proprietários baianos garantiram a regularidade do tráfico de escravos para o Brasil. Nesta mesma época, os portugueses já negociavam com os povos da África centro-ocidental, e com eles estabeleceram vínculos políticos e religiosos mais estreitos e negócios bem lucrativos.

Aqui fica explicado o porquê da Bahia e do Maranhão, manterem raízes com os cultos africanos. Afinal de contas, o fato de eles terem sido contrabandeados, não caracterizava que os mesmos teriam que abandonar sua religião, suas crenças. Só que diante do Branco, eles

teriam que travar uma longa batalha para poder professar sua fé, batalha esta que permanece até os dias atuais.

Mesmo depois de quatro séculos da diáspora, e da incorporação do negro na sociedade branca, pela miscigenação, depois do negro lutar pela libertação, após muitas lutas por igualdade racial e ter seus costumes, sua cultura e sua religião irmanada com a dos brancos, ainda hoje há no Brasil um espírito de preconceito pairando por sobre o território nacional. O que é na verdade uma lástima e um indício de retrocesso no tocante à igualdade dos povos e nações desta pátria mãe, não tão gentil.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao termino deste trabalho é possível concluir que o poema Batacajé das Iaras de Theotonio Fonseca é uma verdadeira obra de exaltação ao povo negro. Com ele é possível conhecer os encantos místicos da religião afro-brasileira, sobretudo, do Tambor de Mina no Maranhão.

Durante a pesquisa e elaboração desta monografia, viu-se o quanto a literatura afro-brasileira é importante (diga-se imprescindível) no ato de contar a causa abolicionista e o preconceito racial em narrativas e poemas que descreviam a vivência do negro trazido para ser escravizado no Brasil e as injúrias sofridas pelos seus descendentes, que ainda sofrem com o preconceito. Ainda neste trabalho, foi possível ver o empenho de Maria Firmina dos Reis, Castro Alves e Aluísio Azevedo, que não pestanejaram em denunciar os açoites que os negros sofriam.

De tal modo, sabe-se que a cidade de Itapecuru-Mirim é uma terra de grandes nomes da literatura maranhense e aqui foi possível contemplar os nomes que deram essa parcela de contribuição para as letras do estado. João Francisco Lisboa, Henriques Leal, Viriato Corrêa, Mariana Luz e João Silveira formam os pilares da literatura contemporânea itapecuruense. Depois deles outros estão trilhando o mesmo caminho para cunhar seus nomes na história da literatura do município, entre os quais estão: Benedita Azevedo, Benedito Buzar, Mauro Rego, Inaldo Lisboa, Samira Fonseca, Assenção Pessoa, Jucey Santana e Theotonio Fonseca de Sousa.

Assim, durante a tessitura desta monografia, foi possível conhecer a vida e a obra do poeta Theotonio Fonseca de Sousa, que tem sua vida inteira dedicada à leitura e a produção literária. Com dois livros escritos, ele é um dos principais nomes da poesia contemporânea do município e devido a isso, surgiu à necessidade de se estudar uma das suas obras, o poema Batacajé das Iaras.

O poema que faz parte da segunda obra de Theotonio que traz em suas entrelinhas um pouco sobre história do Brasil e história dos povos africanos, sua cultura e religião, que aos poucos foram incorporadas às características brasileiras, com entidades pertencentes à cultura indígena, que no poema (carinhosamente chamado apenas de Batacajé) são as próprias Iaras, seres mitológicos que vivem nos lagos, regatos e rios.

Lendo o Batacajé das Iaras, pode-se chegar à conclusão de que é uma das poucas obras itapecuruense que dá margem à língua utilizada nos cultos africanos, às comidas que

são oferecidas aos deuses e que cita divindades evocadas nos terreiros do culto Mina, no caso de voduns e orixás.

Destarte, é possível concluir que o leitor ao se debruçar na leitura e análise do poema *Batucajé das Iaras*, torna-se capaz de revisitar a história da colonização do Brasil, em especial o período da diáspora que aconteceu com os negros da Costa dos Escravos e da Costa da Mina, ou seja, em um poema seria possível dialogar sobre vários aspectos, religiosos, históricos, mitológicos e sociais.

Por fim, crê-se que com a análise de *Batucajé das Iaras*, outros trabalhos literários voltados para as letras contemporâneas do município sejam estudados de igual forma, visando à valorização dos autores locais, esperando-se de igual maneira que este trabalho venha servir de alicerce para futuras análises literárias das obras do poeta Theotonio Fonseca de Sousa.

REFERÊNCIAS

- ABRANCHES, Dunshes. **O cativoiro**. 3ªed. São Luís: AML, 2012.
- ALBUQUERQUE, Wlamyra e FRAGA FILHO, Walter. **Uma história do negro no Brasil**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
- ALVARENGA, Ricardo. Tradição registrada em terreiro. **Jornal O Estado do Maranhão**-2013. Disponível em: <http://imirante.com/oestadoma/online/12112013/pdf/A01.PDF>. Acesso em: 22 de novembro de 2017.
- ALVES. Antônio Frederico de Castro. **O navio negroiro**. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1786 Acesso em: 03 de setembro de 2017.
- AZEVEDO, Benedita. Prefácio. In: **Batucajé das Iaras**. Theotonio Fonseca. Imperatriz. Ética, 2016.
- BASTOS, Núbia Costa. Imagens, máscaras e mitos. In: **Tábua de papel**: estudos de literatura maranhense. José Neres (org). São Luís: Café e Lápis, 2010.
- CASTRO, Carvalho. **África contemporânea**. Edição do autor. São Paulo, 1962.
- DUARTE, Eduardo Assis. Maria Firmina dos Reis e os Primórdios da Ficção Afro-brasileira. In: REIS, Maria Firmina, **Úrsula**. Minas Gerais: Editora Mulheres, 2004.
- FERRETTI, Mundicarmo. **Encantaria de Barba Soeira**: Codó, capital da magia negra? São Paulo: Editora Siciliano, 2001.
- FERRETTI, Sérgio. **Querebentã de Zomadônu**: etinografia da Casa das Minas do Maranhão. 3ª ed. Rio de Janeiro, Pallas, 2009.
- FONSECA, Samira Diorama da. **THEOTONIO FONSECA**: A poesia que percorre o Caminho de Pedras Miúda. Site Recanto das Letras. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-literatura/5927118>. Acesso em: 14 de agosto de 2017.
- _____. A Força Poética na Maciez da Prosa de Theotônio Fonseca. Site Recanto das Letras. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-literatura/5927118>. Acesso em: 14 de agosto de 2017.
- GRAHAM, Sandra Lauderdale. **Proteção e obediência**: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro (1860-1910). São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- LOBO, Luiza. **Crítica Sem Juízo**. 2a ed. revista. Rio De Janeiro, 2007.
- MARTIN, Charles. Uma rara visão de liberdade. In: REIS, Maria Firmina. **Úrsula**. Rio de Janeiro: Presença, 1988.

MONTELLO, Josué. Apresentação, In: **Alúcio Azevedo**: Trechos Escolhidos, Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1963.

NERES, José. **Na trilha das palavras**: Estudos literários. São Luís. Café e Lápis; Edições AML, 2015.

PRIORE, Mary Del e VENÂNCIO, Renato Pinto. **Ancestrais uma introdução a historia da África**. Rio de Janeiro. Atlântica, 2004.

RODRIGUES, João Barbosa. Lendas, crenças e superstições. In: **Revista brasileira**. Tomo X. Rio de Janeiro. Typographia Nacional, 1881

SANTANA, Jucey. **Itapecuruenses notáveis**. São Luís. Gráfica Editora 360°, 2016.

_____. **Poetas e poetisas itapecuruenses**. Disponível em: <http://juceysantana.blogspot.com.br/search?q=poetas+e+poetisas+itapecuruenses>. Acesso em 12 de novembro de 2017.

SOUSA, Theotonio Fonseca de. **Batucajé das Iaras**. Imperatriz. Ética, 2016.

_____. O homem diante da queda. **Jornal de Itapecuru**, Itapecuru-Mirim, 25 de setembro de 2009. Opinião, p. 02.

_____. Perolas inesquecíveis. **Jornal de Itapecuru**, Itapecuru-Mirim, 18 de junho de 2009. Cultura, p. 05.

_____. Os vagões da existência de Allison Rilkt. **Jornal de Itapecuru**, Itapecuru-Mirim, 22/15 abril e maio de 2008. Opinião, p. 02.

_____. Seu Nazaré: a história de um zelador de vodum. **Jornal de Itapecuru**, Itapecuru-Mirim, 22 Jul. 2011. Opinião, p. 02.

_____. **Um estupro a cada esquina**. Disponível em: <http://oobservadoritapecuruense.blogspot.com.br/> Acesso em: 12 de novembro de 2017.

_____. **O ossuário da cultura itapecuruense**. Disponível em: <http://oobservadoritapecuruense.blogspot.com.br/> Acesso em: 12 de novembro de 2017.

_____. **Quadro juventude em ação**. Itapecuru-Mirim. TV Difusora canal 7. 19 Ago.2017. Entrevista a Thiago Negreiros no programa Itapecuru Verdade.

ANEXOS

BATUCAJÉ DAS IARAS

O fim da tarde se desvelava no horizonte brasileiro
 a noite se esboçava na face do firmamento
 na cabana o preto velho acendia o candeeiro
 e a sinhazinha era ninada com cantigas de lamento
 pela formosa mucama, rouxinol e denço da Sinhá
 que como filha a queria bem e até se confidenciava
 mas o querer-bem não era o suficiente para alforriar
 aquela que seus segredos a sete chaves guardava.

Quando os olhos fechava adormecida, cansada
 Elvira sonhava com as florestas de Daomé
 o katendê de seu amor, de quem fora separada
 o porão dos tumbeiros, prece ao vodum Badé.
 Evocações de uma história de sofrimento, partida
 diáspora para onde nunca haviam chegada
 só o ashé no coração dava sentido a vida
 só nos sonhos d'África Elvira não era escrava.

E foi nos sonhos sem tumbeiros ou senzala
 onde ela se viu sensualmente a dançar
 um batucajé com as mais belas iaras
 que em nossos rios e riachos tem seu habitat.
 Ninfas indígenas, entidades amazoninas
 amolengadamente requebravam as cadeiras
 pareciam do recôncavo moçoilas, meninas
 em um samba de roda no pelô, no ilê ou na feira.

E enquanto a batucada fervia ofó ajé
 encantamento de cadência mística, feiticeira
 as iaras se lambuzavam com amalá e acarajé
 e ecô embrulhado em folha de bananeira
 cobriam as negras melenas com coroas de marirô
 saracoteavam, cantavam e bebiam marafo
 suavam de prazer, embelezadas de calor...
 Elvira acordara com o olhar embriagado
 fez uma prece a Bará, rogou proteção e ashé
 e sorriu do sonho das iaras no batucajé!

(SOUSA 2016, p. 101-102)